
Ecoss de uma história silenciosa das mulheres

As mulheres ou os silêncios da história.

PERROT, Michelle.

Bauru: Edusc, 2005. 520 p.

Uma narrativa em que as mulheres ocupam lugar central, sob os mais diversos olhares, fontes e abordagens. Esta é a principal característica dos textos da historiadora Michelle Perrot que integram o livro *As mulheres ou os silêncios da história*, publicado em 2005 pela editora Edusc.¹ A autora, reconhecida no meio acadêmico devido aos seus trabalhos sobre a história das mulheres, é professora emérita de História Contemporânea na Universidade de Paris VII – Denis Diderot. Entre suas principais obras estão *A história das mulheres no Ocidente, da Antigüidade até nossos dias* (1991-1992), coleção organizada com Georges Duby composta por cinco volumes, que foi traduzida em várias línguas, *Os excluídos da história* (1992), *Mulheres públicas* (1998) e *Minha história das mulheres* (2007).

É importante destacar que Michelle Perrot participou desde o início de um movimento de pesquisas sobre as mulheres, que surgiu no início dos anos 1970, com contribuições pluridisciplinares.² A autora desenvolve em seus trabalhos interessantes reflexões sobre a história, na medida em que discute a ausência das mulheres na narrativa historiográfica como parte de uma sedimentação seletiva. Para ela, as mulheres são estáo sozinhas nesse silêncio profundo, mas ele pesa mais fortemente sobre elas, em razão da desigualdade dos sexos.

A perspectiva teórico-metodológica da historiadora insere-se no campo da nova história, principalmente no que diz respeito à busca por novos objetos. As reflexões e rupturas que envolvem a nova história coincidem com o movimento de liberação das mulheres, quando novos sujeitos passam a reivindicar o seu lugar na 'escrita' da história. Perrot

apresenta, nesse contexto, motivações que pautaram seu interesse no silêncio das mulheres, recuperando datas e episódios que a conduziram a esse campo de pesquisa, ao reunir elementos de sua trajetória pessoal e acadêmica. "O movimento das mulheres, de cuja base eu participei, ocasionou a minha 'conversão feminista' e meu engajamento na história das mulheres, transformada então em um dos eixos maiores de meu trabalho" (p. 20), conta a historiadora.³

Em *As mulheres ou os silêncios da história*, dividido em cinco partes e 23 capítulos, Perrot reúne diversos artigos que marcaram sua produção acadêmica em diferentes períodos, apresentando aos leitores e leitoras um amplo cenário de temáticas, fontes e abordagens, em constante diálogo com autores como George Duby, Joan Scott, Michel Foucault, entre diversos outros, e percursos interdisciplinares que transitam entre a história, a filosofia, a literatura e outros olhares plurais. A primeira parte, "Traços", é composta por quatro capítulos em que são valorizadas as práticas de memória feminina, através de cartas das três filhas de Marx, e do diário de uma moça, Caroline, e seu livro de notas da casa, descoberto em um velho baú no mercado das pulgas. "Mulheres no trabalho", a segunda parte do livro, ao longo de seis capítulos, aborda greves femininas, discursos dos operários franceses e trabalhos de mulheres no século XIX, e "Mulheres na cidade", composta por cinco capítulos, traz análises sobre as mulheres no espaço público e a cidadania feminina. "Figuras", quarta parte do livro, recupera os escritos de duas mulheres que experimentaram os limites de sua época: as pesquisas de Flora Tristan sobre a exploração operária e os textos políticos de George Sand, que têm em comum a defesa da igualdade e, por vezes, esbarram em certas contradições. E, por fim, o livro conta com "Debates", seção que lança diferentes e interessantes olhares sobre os espaços público e privado, identidade, igualdade e diferença, sexualização do gênero, o lugar da família e do corpo, disputas de poder e a contribuição de Michel Foucault para a história das mulheres. Em síntese, o conjunto da obra discute, a partir de uma perspectiva historiográfica com tensões e aproximações

com outras áreas de conhecimento, os silêncios das mulheres e suas rupturas nem sempre visíveis.

Evidentemente, a irrupção de uma presença e de uma fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século XIX que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento (p. 9).

A pesquisadora destaca que o silêncio foi reiterado através dos tempos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento: “aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Este mesmo silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária” (p. 10). No entanto, isso não quer dizer que as mulheres respeitaram passivamente tais injunções.

Perrot traz ainda uma importante reflexão sobre as fontes primárias de pesquisa histórica ao constatar poucos registros nos arquivos públicos, normalmente destinados a atos de administração e poder, quase exclusivamente dos ‘grandes homens’. Os arquivos familiares (como correspondências e diários íntimos), por sua vez, costumam ser alvo de destruições das histórias do cotidiano, das memórias e dos sentimentos das mulheres, sendo até recentemente pouco valorizados. Assim, a dificuldade de escrever uma história das mulheres deve-se, inicialmente, ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados.⁴

E é a partir desses objetos do mundo privado que a historiadora interpreta a memória das mulheres, observando práticas como a leitura e a escrita e o espaço da família e da intimidade. Trata-se de narrativas do cotidiano decifradas por correspondências, que buscam uma troca com um interlocutor, cúmplice ou indiferente, ou relatos de um diário, em que os desejos nem sempre encontram expressão em meio às marcas do seu tempo.

O trabalho de interpretação histórica revela-se com profunda habilidade diante dessas fontes do privado, quando a autora recupera as cartas das filhas de Karl Marx – em que identifica elementos da sua relação com a família, das lutas no movimento operário, além de algumas contradições de caráter moral,

marcadas pelas idéias do seu meio e de sua época – e o diário de Caroline, uma moça devota, que traz o exame de consciência e o controle de si mesma como marcas de uma moral religiosa.

No que diz respeito à temática do trabalho, que compõe a segunda parte do livro, Perrot analisa a contribuição dos estudos de gênero para compreender problemáticas voltadas à família, à violência, ao assédio sexual e às disputas de poder em diferentes espaços. Em suas pesquisas sobre a greve, a autora percebe as diferenças entre os sexos no trabalho e observa que “a mulher popular é rebelde”, é o contrário de uma mulher resignada. Assim, manifesta o desejo de romper “com o miserabilismo da mulher vítima e de afirmar a historicidade das práticas culturais femininas. As mulheres não são nem passivas, nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por mais reais que sejam, não bastam para contar a sua história” (p. 152).

Os textos percorrem os séculos XIX e XX, trazendo reflexões sobre as atividades chamadas comumente de “boas para as mulheres” e os diferentes aspectos da divisão sexual do trabalho.⁵ Ao contrariar o argumento de que “o destino da mulher é a família e a costura”, a autora aborda a participação das mulheres nas greves e suas reivindicações por salário, redução da jornada de trabalho, reações contra a introdução das máquinas, carestia, instituições religiosas, dignidade, entre outras.⁶ Apresenta ainda as incompreensões de uma sociedade que, baseada fortemente em uma moral cristã, relacionava as greves ao risco de manchar a honra das “mulheres honestas” e na qual o feminismo continuava sem adesão entre as operárias, uma vez que era entendido como um movimento burguês.⁷

Outra importante contribuição da obra de Michelle Perrot diz respeito à segregação social dos espaços, também acentuada no século XIX.⁸ Em seus textos, ela mostra como as mulheres foram se apropriando progressivamente de campos de trabalho,⁹ dos espaços da fábrica, dos escritórios e de alguns locais considerados masculinos, rompendo com determinados limites impostos à ordem social e desenvolvendo uma ‘consciência de gênero’. Ao mesmo tempo, criam-se espaços exclusivamente femininos como os lavadouros, pontos de sociabilidade das mulheres do povo fora dos domicílios, considerados pela autora como “locais de feminismo prático”.¹⁰ Trata-se de redes de comunicações horizontais que, repletas de

subversões, constroem a memória do cotidiano popular.

Em suma, a historiadora analisa a cidade como um espaço social, étnico e sexuado, que demarca o espaço público como masculino e o privado como feminino, ao mesmo tempo que permite algumas transgressões a esse modelo a partir das lutas cotidianas das mulheres.

Os textos sobre memórias de mulheres, greves e trabalho feminino, cidadania, espaços público e privado, sexualidade, entre outros, compõem um rico universo de referências para compreender algumas nuances e personagens anônimas que fizeram a história de seu tempo. Assim, ao percorrer temáticas femininas através de dados históricos, interpretações, fontes variadas e olhares plurais, Michelle Perrot revela que o objeto “mulheres” permite destruir divisões tradicionais do saber e lançar outras perspectivas para os estudos históricos. A leitura de *As mulheres ou os silêncios da história* permite observar que, em diferentes momentos históricos e nas disputas cotidianas que marcam as vivências femininas, as mulheres resistem à sua maneira. Mais ou menos silenciosa...

Notas

¹ Nota das editoras: esse livro de Michele Perrot foi resenhado por Sandra Sacramento no volume 14 da *Revista Estudos Feministas*, número 2, de 2006, p. 566-571. Mas, devido à sua importância para o campo da história das mulheres e, ainda, em virtude das diferenças em relação à primeira resenha, decidimos pela publicação da atual.

² Para registrar essa trajetória, é válido mencionar o primeiro curso realizado por Perrot em 1973, intitulado “As mulheres possuem uma história?”, cujo título traduzia algumas preocupações da época, e, dez anos mais tarde, o colóquio “É possível uma história das mulheres?”. Esse percurso marcado por questionamentos conduziu à afirmação do campo da história das mulheres como um universo a ser explorado, sendo a publicação de *A história das mulheres no Ocidente* um marco dessa nova perspectiva de pesquisa.

³ “Os homens estão aí. A história dos homens está aí, onipresente. Ela ocupa todo o espaço e há muito tempo. As mulheres sempre foram concebidas, representadas, como uma parte do todo, como particulares e negadas, na maior parte do tempo. Podemos falar do silêncio da História sobre as mulheres. Não é de espantar, portanto, que uma reflexão histórica participe dessa descoberta das mulheres sobre elas próprias e por elas mesmas, aspecto de sua afirmação no espaço público” (Entrevista disponível em <http://www.ambafrance.org.br/abr/label/label37/dossier/01perrot.html>. Acesso em março de 2007).

⁴ Sobre a relação dos documentos privados com as classes sociais, Perrot observa: “Muito preciosos para o conhecimento da vida e do coração das mulheres, estes

documentos do privado têm limites sociais estreitos, desenhados por um acesso eminentemente variável à escrita. O silêncio é quebrado apenas pelas privilegiadas da cultura. Ao contrário, ele pesa ainda mais para as operárias e camponesas cuja individualidade nos escapa” (p. 30).

⁵ Também é interessante perceber, no trabalho de Perrot, que o movimento operário mostrava-se pouco favorável à emancipação feminina, entendendo que o ideal era a mulher em casa, esposa e mãe. A partir de textos de congressos operários e escritos socialistas de Cabet (1840) e Proudhon (1860), a historiadora analisa o elogio da dona-de-casa no discurso dos operários franceses no século XIX, observando que ele pouco destoava dos discursos sobre a natureza feminina (de ordem física) que marcam o pensamento social da época, na medida em que dá prioridade aos valores familiares, essencializando o corpo feminino e legitimando determinados papéis sociais.

⁶ Para contextualizar o cenário da época, a autora traz as seguintes informações: “Limitadas em sua amplitude (194 grevistas/greve em média) e em sua duração (8,5 dias; 43% duram somente de um a dois dias), elas se concentram, na maioria do tempo, a um estabelecimento: Fábrica têxtil, manufatura de tabacos; contam-se apenas cinco greves generalizadas e quatro greves rotativas. Geralmente súbitas (87%), defensivas (57%), pouco organizadas (61% sem forma de organização), ainda menos sindicalizadas (9% somente), elas protestam mais do que reivindicam” (p. 157).

⁷ Ao comparar as atuações de homens e mulheres no movimento operário, Perrot comenta: “Gostaríamos, naturalmente, de conhecer as instigadoras de greve. Mas a obscuridade, o anonimato, o preconceito, as dissimulam mais ainda do que seus camaradas masculinos. Mais do que eles, elas são suspeitas, ainda que diferentemente taxadas não de ‘espíritos fortes’, mas de ‘costumes levianos’, não de possuir convicção, mas ‘exaltação’, não de ter audácia, mas ‘atrevidimento’ (p. 165).

⁸ Michelle Perrot lembra que “houve frequentes protestos ao longo de todo século 19 contra a presença das mulheres nas audiências das cortes de justiça, notadamente nos processos criminais. [...] Os espaços militares e esportivos eram os mais masculinos de todos” (p. 353). As mulheres só penetram nos espaços políticos travestidas ou acompanhadas: “vestir-se como homem é penetrar no espaço proibido, apropriar-se dos espaços reservados, torná-los mistos. Este tipo de desafio simboliza as exclusões que o século 19 impôs às mulheres” (p. 359).

⁹ Um aspecto interessante do universo do trabalho feminino diz respeito ao trabalho em domicílio. Segundo Perrot, “em 1904 conta-se, na França, perto de 800.000 trabalhadores em casa, dentre os quais 86 por cento de mulheres e mais de 80.000 somente em Paris. No recenseamento de 1906, entre cem mulheres ativas, perto de 36 por cento trabalham em domicílio” (p. 235).

¹⁰ Ao lembrar que “as mulheres sempre trabalharam”, mas suas atividades foram colocadas à sombra, a historiadora observa que a história do trabalho feminino é inseparável da história da família, das relações entre os sexos e de seus papéis sociais. Daí o reconhecimento de

"profissões de mulheres", nas quais as tarefas domésticas ainda são primordiais e ligam-se à tripla missão de "ensinar, cuidar, assistir". Para Perrot, essas profissões inscrevem-se no prolongamento das funções naturais, maternais

e domésticas, como a filantropia e o trabalho de moralização e higiene realizado pelas mulheres.

Karina Janz Woitowicz ■
Universidade Estadual de Ponta Grossa.